

## Feminismo, memória e história: a questão da comunicação impressa

Alice Mitika Koshiyama, ECA-USP<sup>1</sup>  
[alicemitika@yahoo.com](mailto:alicemitika@yahoo.com)

### 1- A questão geral

A ação das intelectuais feministas ofereceu às mulheres uma visão de mundo para que pudessem viver como seres autônomos as suas relações pessoais a partir da perspectiva de gênero. Consideramos o feminismo a ideologia da transformação das relações de gênero para uma relação de seres humanos em liberdade e autonomia nas sociedades<sup>2</sup>. O conhecimento dos textos e das ações de militantes do feminismo também confirmam essa perspectiva de uma luta em diferentes contextos históricos<sup>3</sup>. O registro de atos de violência e de opressão contra mulheres de todas as idades, cometidos diariamente e muitos deles não punidos<sup>4</sup>, são, na prática, uma negação dos direitos da pessoa humana no estado democrático de direito. Notamos a importância da exposição pública do problema, mas sem garantias sobre a eficácia das ações. É uma questão secular o desafio de como fazer isso com o uso dos meios de comunicação, principalmente os meios impressos que permitem uma circulação de duração mais longa. É preciso refletir também sobre a teoria da história<sup>5</sup>, do lugar social das mulheres nas sociedades e de uma história sobre elas, respondendo a questão: qual a relação da história geral com a memória e a história das mulheres?<sup>6</sup>

### 2. Questões da vida presente

---

<sup>1</sup> - Docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Curso de Graduação em Jornalismo e Pós-graduação em Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> - Cf.: GUTIERREZ, Rachel. **O feminismo é um humanismo. O sentido libertário da luta da mulher**. Rio de Janeiro, Edições Antares, São Paulo, Nobel, 1985.

<sup>3</sup> - A obra **Dicionário Mulheres do Brasil** (Rio de Janeiro, Zahar, 2000.) oferece uma perspectiva das múltiplas conjunturas históricas que envolveram a ação das mulheres, muito antes dos tempos do feminismo assumido.

<sup>4</sup> - O Portal Violência contra a Mulher (<http://www.violenciamulher.org.br/>) comprova a extensão do problema e a dificuldade em controlá-lo. Acesso em 14/04/2009.

<sup>5</sup> É sempre oportuna a leitura da obra de Michel de Certeau. (**A Escrita da História**.. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rev. técnica Arno Vogel – 2ª. Ed.-- Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1972.) , principalmente a 1ª. Parte, “As produções do lugar” pp. 1-119.

<sup>6</sup> É notável a presença das mulheres entre os que não tinham uma história, conforme nos conta Michelle Perrot (**Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros**, 2ª ed., trad. D. Bottmaner, Rio, Paz e Terra, 1988.)

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

A percepção construída sobre as mulheres depende também da influência da comunicação, hoje formada pelo sistema da mídia. Como e quando a mídia influencia? Ela é uma variável independente no conjunto das influências que recebemos? Temos total controle sobre as idéias que vamos aceitar ou rejeitar? Ou às vezes assumimos posições e adotamos valores cujas determinações ignoramos? Quais são as relações entre mídia e mudança social?<sup>7</sup>

Notamos que a mídia atua para tornar aceitável a vida quotidiana para a maioria das pessoas. Ela é imprescindível para a reprodução do sistema capitalista, manutenção e ampliação da produção e consumo de mercadorias. É difícil escapar da manobra para transformar em fatos reais desejos nossos sobre como deveriam ser os fatos da vida real. A mídia nos apresenta fragmentos da vida, partes de um sistema cuja totalidade nos escapa. Ela é uma produção de sentidos, é parcial, é parte da sociedade, em que todos os setores querem ter a mídia a seu serviço, mas poucos têm o poder de usá-la.

Os poderes são desiguais e a hegemonia é construída pelo controle dos grandes sistemas estatais e privados que envolvem grupos de mídia, de educação, de religião, de política, etc. A mídia atua em campanhas que envolvem desde a tomada de poder político até a formação de novos hábitos ou a mudança de comportamentos da vida quotidiana que implicam em movimentação de grandes somas de dinheiro. Por exemplo, novos produtos de consumo representam negócios que atingem milhões de pessoas em todo o planeta; formam-se relações em que algumas pessoas competem, ganham e perdem. Na sociedade, interesses das pessoas são diversos e contraditórios, e a mídia é mobilizada por elas.

Avaliamos: a educação e a leitura podem nos mostrar os defeitos do mundo em que vivemos. Elas podem ser instrumentos para a compreensão de como deve ser uma sociedade mais justa. Mas a construção de uma sociedade mais justa é uma decisão política, um problema de saber e de poder. Reconhece-se o potencial de participação da mídia para mostrar a opressão e a violência e propor mudanças sociais. Ao mesmo tempo percebemos o efeito de algumas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação para preservar privilégios, como textos jornalísticos na mídia que informam para pais e mães: coloquem seus bebês nas escolas mais caras para que eles sejam adultos vencedores. Mas como será mesmo este mundo futuro? Como poderemos ter certeza sobre futuras configurações da humanidade? Essas pressões que exploram o medo e a ambição individualista das pessoas e a exaltação desses bens e serviços mais custosos é uma publicidade das

---

<sup>7</sup> Equacionamos esse conjunto de questões na palestra 16º. Cole/ VII.o Seminário, Mídia , Educação e Leitura sob o título: “ Comunicação, Educação e Cidadania, o desafio da mediação”, <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>>, acesso 14/04/2009.

empresas de ensino para os financeiramente abonados. E comprova-se o uso da mídia com eficiência para fins publicitários.

Na atualidade, percebemos movimentos históricos em favor das mulheres, em conjunturas de desigualdades de classe, etnias e gêneros<sup>8</sup>. E há benefícios do acesso à educação pelas mulheres, sua profissionalização e inserção no mercado de trabalho. Mas o reconhecimento dos direitos humanos para todas só acontecerá a partir do uso eficaz dos meios de comunicação de massas. Por isso, as mulheres devem aprender a usar a mídia e lutar pelas suas memórias e histórias, em todos os lugares sociais, e devem se tornar mulheres organizadas.

### **3. Mídia, feminismo e cidadania da mulher**

Ao observar a mídia, os movimentos de mulheres aprendem a usá-la para defesa dos seus interesses, em busca de solução pra seus problemas -- alguns deles com períodos de longa duração na história. É o caso da violência contra as mulheres, praticada pelos conhecidos, parentes e familiares próximos – fenômeno que hoje atinge pessoas de todas as idades e condições sociais e econômicas. Observamos relatos de aspectos da luta feminista contra a violência e vimos que foi preciso oferecer informações em quantidade e diversidade e apresentar novas leituras de hábitos e valores conhecidos para sensibilizar parte da sociedade.

O tema da violência contra a mulher é um fenômeno secular e aparece sob diferentes formas nas ditaduras políticas (inclusive temos o seu uso pelos estados nas repressões políticas) e nos regimes democráticos (que devem desenvolver políticas públicas para defesa das mulheres no âmbito da família, do trabalho, das instituições religiosas, etc.). É um tema que faz parte da agenda permanente das atuais lutas feministas, sem nenhuma perspectiva de solução para um futuro próximo, porque alimentado por diferentes propostas culturais, religiosas e fundadas em preconceitos. Note-se que, conforme nos lembra Agnes Heller, os preconceitos estão estruturados em crenças e em valores que transcendem ao conhecimento e à comprovação racional dos fatos<sup>9</sup>.

Para tantos obstáculos, há que construir múltiplas frentes de ação educacional, política, religiosa. E no campo da comunicação é preciso usar todos os meios: a inter-pessoal, a comunicação grupal, a comunicação de massa. Temos múltiplas organizações não governamentais envolvidas com a questão e um portal que agrupa informações das atividades desenvolvidas e

---

<sup>8</sup> São desigualdades de longa duração e a constituição de organizações não governamentais e a formação de movimentos sociais atestam as tentativas para superar essas contradições, ou pelo menos atenuá-las.

<sup>9</sup> Cf.: **O Cotidiano e a História**, Trad. C. N. Coutinho e L. Konder. -- 7ª. Ed. -- Paz e Terra, Rio, 2004. P.43-63.

conecta participantes. Citamos o trabalho do grupo do Instituto Patrícia Galvão, que divulga, promove e articula ações relatadas no seu *site*, já referido neste trabalho.

Uma outra questão para uma comunicação eficaz é conseguir falar e escrever para públicos segmentados, como percebeu a SOF -- Sempreviva Organização Feminista – que trabalha com a questão de gênero com a perspectiva de classe social. O tema da violência contra as mulheres é mostrado como fenômeno cultural, social e comportamental que precisa ser denunciado e combatido pelas vítimas e pela sociedade, em texto simples e assertivo<sup>10</sup>.

#### **4. Memória e história de um longo percurso**

O estágio atual da vida cotidiana das mulheres brasileiras apresenta problemas na prática das relações de gênero, embora a Constituição de 1988 reconheça a igualdade jurídica entre homens e mulheres, vistos como seres com direitos iguais. Em vários lugares, a letra da lei ainda precisa ter uma correta interpretação para ser colocada em prática. Portanto, os embates pelos direitos da pessoa humana, mulher, devem continuar. As várias histórias que confirmam a longa luta que tem sido a busca da igualdade e principalmente da emancipação das mulheres legitima a afirmação de que cada novo trabalho que se divulga sobre o passado é um estímulo para reavaliar o tempo presente.

Na história das mulheres no Brasil reconhecemos várias possibilidades de olhares feministas. Duas personagens por nós estudadas neste trabalho são exemplos de pessoas que atuaram em nossa história e trazem contribuições essenciais para pensarmos a relação das intelectuais feministas com os meios de comunicação: Ercília Nogueira Cobra e Cármen da Silva.

#### **5. Ercília, a solidão perante a história**

A vida e obra de Ercília Nogueira Cobra chegaram até os tempos atuais e podem ser consultadas pelo público pelo esforço principalmente de dois pesquisadores que levantaram os documentos e os comentaram e tiveram o cuidado de divulgá-los pela *internet*<sup>11</sup>.

Pudemos consultar essas páginas e, principalmente ler o texto da Ercília, cuja vida registra seus últimos anos longe dos familiares a ponto de não se saber como e quando ela faleceu. O

---

<sup>10</sup> Cf.: **Mulheres em luta por uma vida sem violência**, texto que permite livre reprodução integral no site <[www.sof.org.br/mulhereseamluta/creditos.htm](http://www.sof.org.br/mulhereseamluta/creditos.htm)> , acesso em 14/04/2009.

<sup>11</sup> Citamos: Maria Lucia de Barros Mott, <<http://cucamott.sites.uol.com.br/romancista.htm>>, acesso em 14/04/2009 e Rubem Nogueira Cobra, <<http://www.cobra.pages.nom.br/ecp-ercilia.html>> acesso em 14/04/2009.

afastamento dela é compreensível quando estudamos a situação da mulher brasileira nos anos vinte o século passado. A tese de doutorado de Margareth Rago<sup>12</sup> mostra a impossibilidade de vida autônoma e socialmente aprovada para mulheres paulistas naquela época. Trata-se de uma pesquisa reveladora do cotidiano das mulheres, que usa fontes primárias da literatura, das artes, do jornalismo, do direito, da medicina e da polícia. Compreendemos o desespero de Ercília N. Cobra ao tentar transformar seus pensamentos em atos. Os guetos destinados a elas não lhe serviam (mulheres eram destinadas ao lar, ao prostíbulo, ao convento). Ercília era mulher, havia estudado, tinha diploma da escola normal, mas não conseguiu a nomeação para o cargo de professora, que lhe daria independência financeira e respeitabilidade social. Teve uma vida profissional e econômica difícil. Conseguiu publicar um dos seus livros, *Virgindade Anti-higiênica*, em sua primeira edição pela editora de Monteiro Lobato<sup>13</sup>. Ele reconheceu na autora uma escritora com falhas de iniciante, mas com idéias ousadas, linguagem crua, muita personalidade<sup>14</sup>. A principal proposta de Ercília para todas as mulheres era que deviam estudar e adquirir uma profissão para o seu sustento, saindo do controle do poder masculino. Ercília pensava que a mulher devia ter igualdade no direito de estudar e exercer um trabalho remunerado e nessas condições ser independente do homem. Mas as leis, os costumes, a religião dominante, a cultura da sociedade brasileira dos anos vinte do século passado não reconheciam a capacidade da mulher ser um ser capaz<sup>15</sup>. E por isso, em nome de seus ideais, Ercília viveu marginalizada e foi rejeitada pela maioria dos homens e pelas mulheres que não queriam pagar o preço da autonomia. E nenhuma outra figura respeitável e influente do mundo literário, além de Monteiro Lobato, a apoiou para fazer uma carreira. Também houve destaques para aspectos considerados libertinos e/ou pornográficos de parte de sua obra, segundo Maria Lúcia Mott<sup>16</sup> para quem essas avaliações foram provocadas pela edição posterior de seus textos, feitas por editoras sensacionalistas.

## 6. Cármen, a agregadora

---

<sup>12</sup> **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930. Rio, Paz e Terra, 1991.

<sup>13</sup> Esta obra teve pelo menos quatro edições entre 1924 e aproximadamente 1932. A outra obra dela é **Virgindade Inútil**, segundo M.L.B. Mott. História de uma romancista corajosa. <<http://cucamott.sites.uol.com.br/romancista.htm>>, acessado em 14/04/2009.

<sup>14</sup> Citado por M.L.B. Mott, op. cit., idem, ibidem.

<sup>15</sup> Este ponto foi desenvolvido no texto de A. M. Koshiyama: Um projeto para a mulher na segunda década do século vinte: educação para o trabalho e a autonomia, apresentado no Fazendo o Gênero 2008, no GT Cidadania e violência na educação: questões de corpo e de gênero.

<sup>16</sup> Cf.: op. cit., idem, ibidem.

A trajetória de ação política e profissional de Cármen da Silva, psicóloga que assumiu o posto de jornalista da revista *Claudia*<sup>17</sup> em 1963 e o ocupou até 1985 quando morreu, mostra uma capacidade única de conviver com suas leitoras e aproveitar todas as situações da conjuntura para propor mudanças e ser ouvida. Se as leitoras iam ou não mudar? Não era um problema para Cármen resolver, pois ela, como diriam os matemáticos, apenas ajudava a equacionar as questões. Claro ela não se omitia em relação a princípios filosóficos e políticos. Ela era contra todas as ditaduras, não apenas a ditadura da vontade masculina sobre as mulheres porque ela defendeu sempre o direito de livre escolha (o que nenhuma ditadura permite). Era o direito e a possibilidade de escolher sobre o que fazer na vida pessoal e profissional. Cármen começou conversando com mulheres em longos textos para explicar que uma mulher podia querer ser dona de casa por escolha, por gosto, mas não porque alguém resolveu por ela que assim devia ser. Conseguiu assumir causas mais coletivas como direitos de todas -- como o direito ao divórcio, ao aborto e campanhas de combate à violência contra as mulheres (a partir de situações concretas como o do caso Doca Street, consagrando o lema: “quem ama não mata”)<sup>18</sup>. Sua capacidade de agregar pessoas de diferentes níveis de informação e mostrar que havia necessidades comuns, fez de Cármen a melhor protagonista de uma das suas mais caras proposições, o que corrobora o direito da mulher escolher como quer viver: o da mulher ser a protagonista da sua história, pessoal e única. Citamos trecho de “A Protagonista”, artigo de setembro de 1963:

A protagonista de sua própria vida opta, resolve e conquista a partir de si mesma, isto é conta com um centro de gravidade interno, um eixo em redor do qual giram a decisão dos seus atos.

Este eixo é o seu eu. Não um eu miragem, um eu fantasia, arbitrariamente inventado à medida de nossos devaneios, mas um eu-real, isto é um conjunto de necessidades, aspirações, possibilidades e limitações, avaliadas com a máxima honestidade e aceitas com o máximo realismo.

Aceitar-se não é, como crê muita gente, prestar cumplicidade a seus defeitos, proclamando-os com certa complacência vaidosa. Se permitirmos que as facetas negativas imprimam a tônica de nossa conduta, estaremos sendo “vivas” pelo que temos de pior: barquinhos à deriva feitos de madeira de má qualidade<sup>19</sup>.

A mulher poder ser protagonista de sua história é o que diferencia a proposta de Cármen da Silva daquela de Ercília Nogueira Cobra. Porém, a proposta da mulher protagonista de sua

---

<sup>17</sup> A revista **Cláudia** é uma das mais antigas e sólidas publicações do grupo Abril e tinha como público alvo leitoras mulheres da classe média, interessadas em casa, marido e filhos, maiores de 30 anos.

<sup>18</sup> Cf.: Alice Mitika Koshiyama. Communication, identité et citoyenneté féminine dans la culture globale: actualité du passé: in ACTES DU IV<sup>ème</sup> Colloque France-Brésil des Chercheurs en Communication - PRATIQUES CULTURELLES COMMUNICATION ET CITOYENNETÉ, Grenoble, 1998, pp.269-276.

<sup>19</sup> Cf.: Carmen da Silva. O Melhor de Carmen da Silva. Laura Taves. Civita (org.), Julia Tavares (sel.). Rio, Rosa dos Tempos, 1994. P. 20.

história é resultado de mudanças em algumas décadas da história. A igualdade de gênero já era uma possibilidade na cultura, na sociedade, na legislação, na vida cotidiana e nos estudos acadêmicos<sup>20</sup>.

## **7. Movimentos sociais e estudos acadêmicos organizam mudanças**

Michelle Perrot lembra como tudo foi feito com muitos cuidados na academia. Os estudos de gênero, que motivavam grupos de feministas preparadas, estudiosas e lutadoras precisavam construir um lugar social na academia francesa. Na velha Sorbonne, as mulheres foram entrando devagar, interrogando cautelosamente sobre o seu tema e não afirmando tudo que já sabiam querer<sup>21</sup>.

Nesse contexto, nos anos setenta do século XX, havia em Paris brasileiras exiladas. E separadas como afirmou Helena Hirata, hoje estudiosa do tema mulher e trabalho, e então envolvida pelas lutas sociais, pela revolução que redimiria os homens e também as mulheres. Danda Prado (Yolanda Cerquinho Prado), de aristocrática família paulista, lutava em outra frente tentando a emancipação das mulheres da tutela cultural e política masculina, escrevendo panfletos que contrabandeava para o Brasil. E Danda, em Paris, enfrentou e registrou a oposição de homens à sua causa de mulher, pois eles, em nome da luta pela revolução socialista, vetaram a revolução feminista<sup>22</sup>.

## **8. A Comunicação Feminista: atualidade e futuro**

A comunicação das intelectuais feministas, hoje, dispõe da tecnologia multimídia, mas não devemos desprezar as experiências já acumuladas e muitas delas registradas e estudadas, impossíveis de serem mencionadas neste espaço limitado.

A experiência de Cármen da Silva mostra as possibilidades de eficácia de uma comunicação que caminhe junto com as suas receptoras. E que nunca se perca de vista que as mensagens serão sempre lidas conforme os valores e as idéias dominantes na cultura e é por isso essencial que as feministas cultivem suas memórias e registrem suas versões da história. Se assim

---

<sup>20</sup> Lembramos os movimentos feministas nos EUA e na Europa, que alimentavam as páginas da imprensa brasileira, como a revista **Realidade**, da Editora Abril, que entre 1967 e 1968 publicou matérias que conscientizaram e animaram o debate sobre a posição da mulher brasileira na sociedade.

<sup>21</sup> Cf.: PERROT, Michelle. “Caçadora de memórias femininas”, entrevista a Laura Greenhalg. Caderno ALIAS, O Estado de S. Paulo, 04 de março de 2007, p 4-5.

<sup>22</sup> Sobre Helena Hirata e Danda Prado em Paris, são leituras nossas dos depoimentos das duas intelectuais para a platéia dos depoimentos de Memórias do Feminismo, em **Fazendo o Gênero 2008**, Florianópolis, UFSC, em 26/08/2008.

não fizerem, terão a pena (o castigo) de engolir as versões machistas de que Ercília Nogueira Cobra era uma autora de textos pornográficos<sup>23</sup> e que nunca haverá nenhuma outra mulher como Cármen da Silva, argumento para extinguir o espaço editorial da revista *Cláudia*, ocupado até a morte pela jornalista insubstituível<sup>24</sup>.

Há uma percepção do processo contraditório que se instala em nossas vidas pela ação da mídia. Uma leitora questiona “a violência moral” praticada pela “indústria da beleza que fatura milhões de dólares” em detrimento da saúde de jovens e senhoras<sup>25</sup>. Essa leitora desconhece o feminismo que articula questões de gênero com foco nos direitos à saúde da mulher. Há mulheres feministas militantes contrárias às práticas dominantes no campo da estética do corpo que podem mutilar e até matar pessoas perfeitamente saudáveis, como lembrou Miriam Nobre da SOF -- Sempre Viva Organização Feminista<sup>26</sup>.

Os esforços realizados pelas pesquisadoras no campo acadêmico sobre direito à saúde<sup>27</sup> marcam uma vertente do feminismo que inclui pesquisas e leitura crítica sobre a mídia de massa dirigida a leitoras pouco letradas<sup>28</sup>. Essas publicações apresentam conselhos em campos como o da beleza, saúde (inclusive sobre direitos reprodutivos e sexualidade) e relações de gênero. Bocchini registrou, em vários contatos com mulheres militantes das classes populares, o poder de convencimento dessas publicações<sup>29</sup>. Com esse estudo de Bocchini, detectamos outro problema: a visão da imprensa feminina de massa comanda as práticas da vida cotidiana das mulheres, mesmo daquelas que se assumem como feministas. Será uma das constatações de nossas leituras de clássicos da economia política e de uma das frases feitas mais repetidas: “a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante”? Economia, política, cultura patrocinam as construções do feminino, da promoção da figura da mulher permanentemente repaginada, melhorada, reformada, a

---

<sup>23</sup> Alegação dos seus detratores, conforme registrou M. L. B. Mott, uma interpretação da editoração de parte de sua obra. Op. cit., idem. Ibidem.

<sup>24</sup> O argumento de ela ser especial, única, foi usado para a extinção da seção que ela assinava em *Cláudia*, “A Arte de Ser Mulher”, logo após a sua morte em 1985, um espaço editorial jamais recuperado.

<sup>25</sup> Cristiana Castro, advogada, em comentário ao texto de Lígia Martins de Almeida, “Mídia e Violência Doméstica. O marketing a favor das mulheres”, em 21/04/2009, Observatório da Imprensa, In: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/imprimir.asp?cod=534CID001>> , acesso em 22.04.2009.

<sup>26</sup> Cf.: Miriam Nobre. “O direito das mulheres a seu corpo” , em que a autora mostra os riscos para a saúde da mulher que se submete aos valores da estética dominante, in: <[http://www.sof.org.br/inst\\_area\\_atua\\_fem/09.05.05.htm](http://www.sof.org.br/inst_area_atua_fem/09.05.05.htm)> , acessado em 22/04/2009.

<sup>27</sup> Lembramos a pesquisadora médica Fátima de Oliveira que articulou campanhas contra o uso dos hormônios por mulheres na menopausa (Rede Saúde) e Maria Otília Bocchini (**Mulher e Saúde**, periódico da SOF, malefícios confirmados por ampla pesquisa realizada com consumidoras dos Estados Unidos e interrompidos pelas mortes de usuárias). A favor da saúde da mulher há também um conjunto de práticas de médicos e médicas que não são necessariamente feministas.

<sup>28</sup> Cf.: BOCCHINI, M. O. Valores conservadores em “Ana Maria” e “Viva Mais!”. In: Nalu Faria; Maria Lucia Silveira. (Org.). **Mulheres, corpo e saúde**. 1 ed. São Paulo: SOF – Sempre Viva Organização Feminista, 2000, v. 1, p. 57-70.

<sup>29</sup> Depoimento oral da autora que realizou observações de como essas leitoras pouco letradas liam as revistas femininas populares e comentavam e espontaneamente matérias publicadas nos periódicos.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

partir de valores como auto-estima, melhor idade, eterna juventude, convertidos em produtos que o mercado põe à disposição das interessadas.